

A importância do Desporto na Grande Guerra (1914-1919)

RITA NUNES³⁰⁵

Introdução

Para falarmos da importância do Desporto na Grande Guerra é necessário começar por contextualizar e dar alguns exemplos de como o desporto estava organizado em contexto nacional e internacional.

No final do século XIX, quando um pouco por todo o mundo o desporto se estava a “massificar”, a atividade desportiva em Portugal continuava bastante circunscrita a algumas camadas da população. De uma forma geral, mesmo com o incentivo dos membros da Família Real, verdadeiros entusiastas das lides desportivas, as elites nacionais permaneciam, com honrosas exceções, bastante alheadas dos desenvolvimentos alcançados pelo desporto em Inglaterra, França ou Estados Unidos da América.

Durante muito tempo a historiografia portuguesa considerou que o primeiro clube desportivo criado em Portugal foi a *Associação Naval de Lisboa*, em 1856 (Serpa, 2007, p.54), contudo, investigações mais recentes mostram a existência de um clube ligado aos desportos náuticos, o *Arrow Club* fundado em 1828 e de um outro, este com acesso restrito, o *Oporto Cricket & Lawn Tennis Club* fundado em 1855³⁰⁶ pelos cidadãos britânicos que vieram residir para o Porto e que eram proprietários de varias companhias de vinho do Porto.

Paulatinamente foram surgindo em Portugal mais associações e clubes como o *Gimnásio Clube Português* (1875), o *Clube Fluvial Portuense* (1876), o *Ateneu Comercial de Lisboa* (1880), o *Clube Naval de Lisboa* (1892), a *Associação Naval 1.º de Maio* e o *Foot-Ball Clube do Porto* (1893), *Ginásio Clube Figueirense* (1895), *Sport Club Vianense* (1898), entre tantos outros. As regatas, o futebol,

³⁰⁵ Instituto de História Contemporânea, NOVA-FCSH/Comité Olímpico de Portugal.

³⁰⁶ Oporto Cricket and Lawn Tennis Club. Disponível em OpenEdition: <https://www.oportocricketclub.com/history.htm> (Consultado em 7 de fevereiro de 2019).

o ténis, o rugby ou mesmo o críquete chegavam muitas vezes a Portugal por influência dos cidadãos estrangeiros que viviam nas grandes cidades, ou pelos jovens das classes mais altas da sociedade portuguesa que iam estudar para outros países.

Por exemplo, o primeiro relato de uma espécie de encontro de futebol realizado em terras lusas data de 1875, na Camacha, na Região Autónoma da Madeira. O responsável foi Harry Hinton, um jovem inglês residente na ilha, filho de um industrial açucareiro, que estudava em Londres e que trouxe uma bola e jogou com os amigos. Treze anos depois, em 1888, há o primeiro registo de um jogo, em Cascais. O futebol tinha chegado, também, através da comunidade britânica residente no país, que trabalhava na Estação do Cabo Submarino, em Carcavelos, e pelos irmãos Pinto Basto, que estudavam em Inglaterra, e de lá tinham trazido uma bola de futebol.

Na Região Autónoma dos Açores, sabe-se que em 1898 um grupo de jovens a estudar em Inglaterra, vindos em férias, trouxeram uma bola de futebol e organizaram também os primeiros jogos de futebol de que há notícias. Por volta de 1900 chega à cidade da Horta a primeira bola de futebol e com ela os primeiros jogos de futebol, com jovens a estudar em Inglaterra e com britânicos das Companhias de Cabos Telegráficos Submarinos que trabalhavam nesta cidade.

Com o início do século XX, o surgimento de novas associações e clubes acentuou-se, dando origem a uma ténue generalização da prática desportiva. Muitos destes clubes são ainda hoje bem conhecidos, como o *Clube Internacional de Futebol* (1902), o *Boavista Foot-Ballers* (1903), o *Sport Lisboa e Benfica* (1904), o *Sporting Clube de Portugal* (1906), *Vitória Futebol Clube* (1910), *Club Sport Marítimo* (1910), entre muitos outros. Na Região Autónoma dos Açores, pode referir-se a título de exemplo a fundação, a 12 de junho de 1901, do *Clube Naval de Ponta Delgada* (São Miguel), a 2 de fevereiro de 1909, o *Fayal Sport Club* (Horta) e a 7 de maio de 1911, o *Clube União Micaelense*, de Ponta Delgada (São Miguel).

Decorrente da ação desenvolvida pela *Sociedade Promotora de Educação Física Nacional* (SPEFN) fundada em 1909 e da constituição do *Comité Olímpico Português*³⁰⁷ a 30 de abril de 1912, Portugal participa pela primeira vez nos Jogos Olímpicos. Foi na quinta edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizada em Estocolmo, na Suécia, de 5 de maio a 27 de julho de 1912 que os seis atletas portugueses: António Pereira, António Stropm, Armando Cortesão, Fernando Correia, Francisco Lázaro e Joaquim

³⁰⁷ Na Assembleia Plenária de 4 de junho de 1992 foi decidido alterar, por unanimidade, a designação para a atual: Comité Olímpico de Portugal.

Vital, competiram nas modalidades de Atletismo, Esgrima e Lutas (Pinheiro e Nunes, 2012).

A sociedade portuguesa vivia um momento em que a organização desportiva estava em pleno desenvolvimento. A fundação de novos clubes e associações desportivas e o acesso à prática de um lote mais diversificado de modalidades desportivas criou a necessidade de regular essas práticas, com um enquadramento a nível nacional, que permitiria não só a elaboração de calendários competitivos, mas também a internacionalização dos melhores atletas e equipas nacionais.

Todo este processo de organização e desenvolvimento desportivo que se verificava nos diversos países, e que em Portugal não era exceção, vai sofrer impactos, principalmente pela mobilização das camadas mais jovens e ativas da sociedade para a integração dos contingentes, mas também pelo facto da maioria dos campeonatos e competições internacionais ficarem suspensas. Exemplo máximo dessa situação é o cancelamento dos preparativos para a organização dos Jogos Olímpicos de 1916, que se deveriam realizar em Berlim.

O Desporto e a Guerra

À semelhança da mobilização da população mais apta e preparada, verifica-se uma mobilização dos desportistas que fisicamente se encontram mais fortes para ajudar os seus países que ao longo do período da Guerra vão entrando em cenário de Guerra. São vários os exemplos desta mobilização. A este respeito a Federação Internacional de Atletismo divulgou recentemente que às 11 horas do 11.º dia do 11.º mês de 1918, eram cerca de 40 os atletas olímpicos daquela modalidade que tinham participado nos Jogos Olímpicos de 1908 e 1912, oriundos de vários países, que estavam entre os milhões de mortos da grande guerra (Housman, 2018).

Em Portugal, tal como iria acontecer um pouco por toda a Europa em guerra, logo em 1914 o incentivo à prática desportiva surgiu associado aos debates, transversais à sociedade, relativamente ao papel e posição que Portugal deveria tomar em relação ao conflito europeu. A imprensa desportiva, com o argumento, de que a qualquer momento o País poderia ser chamado a intervir, saiu em defesa da introdução da educação física e de alguns desportos na preparação militar dos soldados, e na ocupação dos seus tempos de lazer.

De Lisboa partiriam a 11 de setembro de 1914 as primeiras expedições militares portuguesas, com destino a Angola e a Moçambique. Seria, contudo, com a declaração de guerra da Alemanha a Portugal a 9 de março de 1916 que iria provocar a mobilização do desporto nacional. Em finais de março, o

Ministro da Guerra, Norton de Matos, por intermédio da *Federação Portuguesa de Sports*, solicitou que “[...] cada sociedade desportiva intensificasse a sua ação, chamando um maior número de adeptos à causa que defende, ministrando-lhes, ao mesmo tempo, a instrução dos conhecimentos que a guerra de hoje veio indicar serem imprescindíveis ao homem, para a sua defesa e para a consecução do seu fim [...]”.³⁰⁸

Interessante é também o facto de o único cartaz de propaganda de guerra de autoria nacional retrate o desporto. Apesar de não termos dados sobre a data da sua divulgação, presume-se que o mesmo tenha surgido depois da declaração de guerra da Alemanha a Portugal. De acordo com João David Zink é muito provável que o cartaz tenha sido produzido para assinalar o acolhimento da missão naval inglesa que veio a Portugal em maio de 1916 para tratar dos moldes da participação do Corpo Expedicionário Português no teatro de guerra, ou até por ocasião da estadia da missão militar anglo-francesa que chegou no final de agosto de 1916, para acertar pormenores e acompanhar a preparação das tropas na base de Tancos (Zink, 2007). Devido ao corte transversal que o cartaz apresenta, na parte superior, não é possível decifrar o seu título³⁰⁹. Analisando a imagem, podemos verificar que a figura central é um futebolista e num segundo plano dois regimentos de tropas em parada. O jogador apresenta a mão direita e o joelho esquerdo envolvido em ligaduras, o que nos faz extrapolar uma comparação entre a guerra e o desporto, ou seja, da mesma forma que este jogador de futebol, mesmo lesionado continua a jogar, um soldado ferido numa missão, não abandona o combate e continua a dar o seu melhor para defender a sua nação. Ao fundo da imagem, encontra-se um navio de guerra com alguns dos seus tripulantes a dirigirem-se para terra numa pequena embarcação. O círculo que envolve o jogador representa um campo de futebol, existindo outros dois jogadores a correr. O céu que na generalidade é representado em tons de azul, neste caso aparece em tons vermelhos. Este uso das cores poderá ter diferentes interpretações. Uma referência à guerra e ao sangue derramado no campo de batalha, ou numa perspetiva patriota, à bandeira de Portugal, com o verde, do terreno de jogo e o vermelho do céu. O verde do terreno de jogo poderá ainda representar a esperança.

O Desporto em cenário de Guerra

Apesar do clima quente e seco, as expedições militares portuguesas que chegavam a Angola e Moçambique, eram incentivadas à prática desportiva.

³⁰⁸ Jornal *O Sport de Lisboa*, 1 de abril de 1916.

³⁰⁹ Exemplar único existente na Biblioteca Nacional adquirido em 1975 a um alfarrabista, segundo João David Zink.

No entanto, fisicamente exaustos pela diferença de clima e pelos exercícios militares realizados, foram poucos os soldados a dedicar-se ao exercício físico. Sabe-se, no entanto, que os banhos de mar eram bastante apreciados, assim como os jogos de cartas, mas estes por serem considerados causadores de tensões e rivalidades acabaram por ser proibidos³¹⁰.

Apesar de não estarmos numa época em que o desporto estivesse generalizado a todas as classes da sociedade, nestes contingentes, é possível identificar a integração de diversos desportistas. Homens que praticavam várias modalidades e alguns, que anos mais tarde, irão ocupar posições de destaque em prol do desenvolvimento do desporto em Portugal, como são os casos de António Prestes Salgueiro³¹¹ e Júlio Ribeiro da Costa³¹².

Os militares que integraram os contingentes do Corpo Expedicionário Português (C.E.P.) rumo à Flandres, assim que pisavam solo francês eram de imediato submetidos a intensos exercícios físicos que: “[...] desembarçassem os movimentos e treinassem os homens, para estarem em condições de dar o máximo de intensidade e de resistência, à longa e extenuante marcha a pé (de cerca de 30 Km, em cadência mais rápida que a utilizada em Portugal), de mochila cheia às costas, para preparar os soldados para as deslocações que porventura fossem necessárias e a marchas, mais curtas e com a máscara de gás colocada para desenvolver o controlo da respiração em caso de um ataque de gás [...]” (Marques, 2008, p. 79-80).

Para além da prática de várias atividades físicas essencialmente utilizadas para a preparação dos militares, é possível afirmar que a prática desportiva fez parte do quotidiano do C.E.P. durante a sua permanência em França. Estas atividades foram organizadas pelas tropas portuguesas ou pelos militares dos exércitos aliados e eram essencialmente momentos de descontração, considerados como indispensáveis ao êxito das operações, mas também à boa moral dos militares (Nunes, 2014, p. 42-43).

³¹⁰ Sobre o quotidiano e a vivência das tropas portuguesas nas colónias ver: Arrifes, Marco. 2005. *A Primeira Grande Guerra na África Portuguesa. Angola e Moçambique (1914-1918)*. Lisboa: Edições Cosmos.

³¹¹ António Luís de Gouveia Prestes Salgueiro (1891-1950). Presidente do Comité Olímpico Português de 1919 a 1923. Foi oficial de marinha tendo feito parte na campanha de Moçambique em 1916, na esquadilha de embarcações do cruzador Adamastor. Foi Governador Civil de Lisboa de 23 de fevereiro de 1919 a 25 de março de 1920 e Deputado por Moçambique (1921).

³¹² Júlio Ribeiro da Costa (1894 -1992). Futebolista do Liceu Pedro Nunes, transferiu-se para o Benfica, onde atuou em diversas equipas de futebol. Devido ao seu empenho e paixão pelo clube, ocupou vários cargos no clube, entre 1914 e 1962. Em 1938 foi eleito Presidente, deixando o cargo de Vice-presidente da AG (1935-38).

Na linha da frente, durante os momentos de descanso, os combatentes ocupavam o seu tempo, sobretudo, com o convívio de grupo, mas também com a prática de jogos de cartas: a bisca, o burro, a sueca, ou jogos de dados qua ajudavam a esquecer os horrores da Guerra. Nas trincheiras da 2.^a linha era muito habitual o bingo, jogado nos boletos da Linha de Aldeias (Marques, 2008, p. 219-234). Para além dos jogos de cartas e tabuleiro surgiram também a organização de competições desportivas entre os militares dos exércitos aliados ou só entre os elementos do C.E.P. Estes momentos de competição tinham como objetivo, não só exaltar as capacidades físicas e militares dos combatentes, mas essencialmente criar momentos de festa, celebração e entretenimento, quebrando as rotinas do quotidiano de Guerra.

Os jogos de futebol eram, em geral, organizados pela Associação de Futebol do V Exército Britânico. Neles era possível ver o nível exímio e a perícia dos ingleses e, do lado oposto, a inexperiência ou desconhecimento do jogo por muitos portugueses que usavam a criatividade e o engenho para correr com uma bola junto aos pés, o que, muitas vezes, deu origem a momentos de boa disposição, alegria e humor, deixando para segundo plano a importância dos golos da vitória ou derrota.

Para além dos jogos de futebol existiram competições de atletismo, provas equestres e os concursos militares e desportivos. Nos programas destes concursos constam atividades com uma clara componente militar e outra essencialmente desportiva, onde sargentos, cabos e soldados davam o seu melhor para ver o respetivo batalhão vencer. Relativamente à componente desportiva encontram-se nestas iniciativas as provas de velocidade de 100m, estafetas, corridas de sacos, corridas de três pernas (disputada por dois homens que correm lado a lado e em que a perna direita de um está amarrada à perna esquerda do outro), salto em altura e salto em comprimento, luta de tração ou jogo da corda, luta a cavalo, corridas de barcos e de bicicletas e o jogo do pau. Já a componente militar era constituída por: tiro de espingarda, emprego de baioneta e o lançamento de granadas, muito provavelmente uma alusão ao lançamento do peso (Nunes, 2016, p. 101-108).

Foram vários os desportistas que incorporaram os contingentes que partiram para França: o campeão de pesos e alteres Álvaro Costa, o motociclista Leopoldo Futscher, os futebolistas: Herculano dos Santos, António Santos, Augusto Cabeça Ramos, Manuel Gomes Cal, José António Dias Forra, do *Sport Lisboa e Benfica*; Joaquim Vidal Pinheiro, Floriano Pereira, Eurico Brites e Zulmiro Raimundo, do *Futebol Clube do Porto* e José das Neves Eugénio do *Académico Futebol Clube*, entre muitos outros. Destaca-se ainda a mobilização de homens que, anos mais tarde, fruto da sua capacidade desportiva, viriam a participar em edições dos Jogos Olímpicos: António Duarte

Montez³¹³, António Mascarenhas de Menezes³¹⁴, António Augusto Martins³¹⁵ e José Pontes³¹⁶.

A desmobilização e os Jogos Interaliados de 1919

Após a assinatura do Armistício a 11 de novembro de 1918 o principal objetivo dos soldados mobilizados era o regresso a casa. No entanto, a desmobilização das tropas não foi imediata. Foi a pensar nestes homens que ainda se encontravam na Europa que, dois meses após o final da Grande Guerra, se iniciou a organização dos Jogos Interaliados. Sob o comando do General John J. Pershing³¹⁷, comandante das forças norte-americanas na Europa, deu-se início à organização deste Jogos. Em janeiro de 1919 foram enviados convites para a participação às 29 nações que tinham estado no cenário de guerra. Dezoito nações: Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Cuba, Checo-Eslováquia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Haiti, Hejaz, Honduras, Itália, Japão, Libéria, Montenegro, Nicarágua, TerraNova, NovaZelândia, Panamá, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Sérvia, Síão e África do Sul, representantes dos cinco continentes, aceitaram o convite para competirem neste evento desportivo dirigido exclusivamente aos militares que tinham participado na Guerra ou que tinham servido as forças militares dos países aliados.

O Estádio Pershing, construído especificamente para o efeito pelas forças militares dos Estados Unidos da América em cooperação com a *Young Men's Christian Association* (YMCA), e que seria no final dos Jogos oferecido ao povo francês, foi o palco escolhido para a realização da maioria das provas. Realizados entre 22 de junho e 6 de julho de 1919, em Joinville, nos subúrbios de Paris, estiveram em prova cerca de 1500 homens que competiram em diversas modalidades desportivas, durante 15 dias.

³¹³ António Duarte Montez (1885-1968). Participou nos Jogos Interaliados de 1919 e nos Jogos Olímpicos de 1924 na prova de pistola de velocidade a 25 metros, onde se classificou no 30.º lugar.

³¹⁴ António Mascarenhas de Menezes (1861-1961). Participou nos Jogos Interaliados de 1919 e nos Jogos Olímpicos de 1920, 1924 e 1936, nas provas de espada, esgrima.

³¹⁵ António Augusto Martins (1892-1930). Participou nos Jogos Interaliados de 1919, nos Jogos Olímpicos de 1920 na modalidade de tiro, e nos Jogos Olímpicos de 1924, nas provas de tiro e atletismo.

³¹⁶ José Pontes (1879-1961). Reconhecido desportista, jornalista, dirigente, médico e político. Era Secretário-geral do Comité Olímpico Português quando foi mobilizado para a Guerra. Foi Presidente do Comité Olímpico Português de 1924 a 1956 e membro do Comité Olímpico Internacional, de 1946 a 1956.

³¹⁷ John Joseph Pershing (1860-1948). Militar norte-americano do Exército dos Estados Unidos que conduziu as Forças Expedicionárias Americanas na Primeira Guerra Mundial entre 1917 e 1918 e que após a assinatura do Armistício ficou responsável pela organização dos Jogos Interaliados.

Na Cerimónia de Abertura, que recebeu mais de vinte mil pessoas no Estádio, as delegações desfilaram frente à tribuna onde os presidentes Woodrow Wilson, dos Estados Unidos da América e Raymond Poincaré de França se encontravam. De acordo com os documentos oficiais dos Jogos Inter Aliados compilados por George White³¹⁸, Portugal participou com 51 atletas em oito modalidades: Atletismo, Boxe, Esgrima, Equestre, Natação, Polo Aquático, Remo e Tiro. Tendo em conta a mesma fonte, Portugal desfilou entre a Nova Zelândia e a Roménia. No entanto, de acordo com a imprensa da época, a delegação Portuguesa e a Bandeira Nacional não estiveram presentes: “No dia da inauguração do stadium Pershing, no desfile, nem um só, um só dos sportsmen portugueses apareceu empunhando a nossa bandeira... Os únicos que não compareceram foram os portugueses.”³¹⁹

Ao nível dos resultados destacam-se os alcançados pela Esgrima. Os segundos lugares e respetivas medalhas de prata na competição de espada por equipas³²⁰, sabre por equipas³²¹ e individualmente na competição de espada, pelo tenente Jorge Paiva. Na modalidade de Tiro, na prova de pistola, a equipa portuguesa classificou-se em 4.º lugar e na prova de espingarda no 7.º Lugar. Na competição de Boxe o tenente Silva Ruivo, que combateu com o campeão belga, desistiu no decorrer do 3.º round³²². Relativamente ao Polo Aquático é referido que um atleta português teve um acidente, impedindo a entrada da equipa na competição. No remo a equipa portuguesa de Shell-4 com timoneiro não conseguiu terminar a prova e no Shell-8 com timoneiro não passou a eliminatória. Na Natação e no Atletismo, apesar dos registos de inscrições nas diversas provas, não há referência aos resultados alcançados por atletas portugueses.

Apesar de não encontrarmos referências na compilação de documentos oficiais dos Jogos, que note-se, apresenta várias falhas ao longo das diversas secções, com as listagens iniciais dos atletas inscritos por país a não coincidirem totalmente com os nomes dos atletas que conquistaram resultados de destaque, a imprensa portuguesa da época afirma que para além das três medalhas de prata alcançadas pelos esgrimistas portugueses, também o tenente António Martins conquistou uma medalha de prata na competição de tiro³²³.

³¹⁸ *The Inter-Allied Games 1919*, (s/d). (compilado por George White) s/l, Games Committee.

³¹⁹ “Nas provas sportivas inter-alliados não apareceu a bandeira portugueza” in *A Capital* de 4/07/1919.

³²⁰ A equipa de espada foi constituída pelo tenente Carlos Gonçalves, major Veiga Ventura, tenente Frederico Paredes, tenente Jorge Paiva, capitão António Mascarenhas e tenente Fernando Farinha.

³²¹ A equipa de sabre foi constituída pelo tenente-coronel Horácio Ferreira, capitão José S. Dias, capitão António Sabbo, coronel Vieira Rocha, capitão Luiz Oliveira e capitão Óscar Motta.

³²² “Jogos Inter-Aliados” in *A Capital*, 10/07/1919, pp.1-2.

³²³ “Jogos Inter-Aliados” in *A Capital* de 10 de junho de 1919, pp.1-2.

Conclusão

Como a Primeira Guerra Mundial se encarregaria de demonstrar o desporto ajudou a promover a eficiência militar e a elevar a moral dos combatentes. Independentemente da sua perícia e capacidades atléticas todos os militares deveriam estar envolvidos.

São diversas as ligações que conseguimos encontrar entre o desporto e a guerra. Desde a fase de preparação, durante o conflito e no período de desmobilização. No conflito, que durou mais do que todos esperavam, o desporto foi também importante como elemento catalisador, transportando milhares de homens dos horrores vividos para momentos de descontração e confraternização entre militares. Foi durante este período de Guerra que milhões de homens tiveram oportunidade de praticar algum tipo de atividade desportiva, contribuindo, ainda que momentaneamente, para tornar o desporto no fenómeno de massas que agora conhecemos.

FONTES

Fontes Primárias:

Arquivo Histórico Militar (A.H.M.)

Publicações Periódicas:

Capital (A)

BIBLIOGRAFIA:

- BORGES, J. V.; Marques, I. P. e Dias, E. G, *Diário de Campanha. General Fernando Tamagnini. Comandante do CEP*, Comissão Portuguesa de História Militar, 2018.
- CARDOSO, Carlos, *Os Jogos Olímpicos. The Olympic Games*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, 1996.
- CARDOSO, Carlos, *100 Anos de Olimpismo em Portugal*, Lisboa, Gradiva Publicações, 2009.
- COUBERTIN, Pierre, *Olympic Memoirs*, Lausanne, International Olympic Committee, 1979.
- FERREIRA, J. *Portugal na I Guerra Mundial*, Revista Militar n.º 2553 - outubro de 2014, Lisboa, Europress-Editores, 2014.
- GUTTMANN, Allen, *The Olympics. A history of the Modern Games*, 2nd edition, University of Illinois Press Urbana and Chicago, 2002.
- MARQUES, Isabel, *Das Trincheiras, com Saudade. A vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2008.
- MARTINS, Inês e Martins, António. *António Augusto da Silva Martins. O mais completo atleta português de todos os tempos*, Lisboa, Chiado Editora, 2016.

- NUNES, Rita. "A Batalha dos Estádios", Revista *Visão História, 1914-1918 Portugal Durante a Grande Guerra*, 2014, p.42-43.
- NUNES, Rita, "Desporto em Tempo de Guerra", *IDN - Nação e Defesa*, n.º 145, dezembro 2016, p. 101-108
- NUNES, Rita. (em preparação), "*Jogos Inter-aliados*", *Dicionário de História da I Guerra Mundial*, (coord.) Maria Fernanda Rollo, Aniceto Afonso, Ana Paula Pires e Luís Alves de Fraga, Temas e Debates.
- PINHEIRO, Francisco e Nunes, Rita, *Os 6 de Estocolomo. A primeira participação Portuguesa nos Jogos Olímpicos*, Coleção História e Desporto, Porto, Edições Afrontamento, 2012.
- QUINA, Mário (coord.), *Olímpicos de Portugal, 1912-2008*, Associação dos Atletas Olímpicos de Portugal, Instituto do Desporto de Portugal, Lisboa, 2008.
- SERPA, Homero, *História do Desporto em Portugal. Do Século XIX à Primeira Guerra Mundial*, Estudos e Documentos, Lisboa, Instituto Piaget, 2007.
- TERRET, Thierry, "The Military "Olympics" of 1919" in *Journal of Olympic History*, volume 14, número 2, International Society of Olympic Historians, 2006.
- VALARINHO, José. *Espadas e Floretes: Contribuição para a História do Desporto em Portugal*, Maia, Gráfica MaiaDouro, 1993.
- WHITE, George, *The Inter-Allied Games*, Published by the Games Committee, S/d. *The Inter-Allied Games 1919*, (compilado por George White), s/l, Games Committee. s/d.

WEBGRAFIA

- HOUSMAN, A. 10.11.2018. *Armistice Day: Remembering the Athletes who Died in the First World War*. Disponível em IAAF website: <https://www.iaaf.org/news/feature/armistice-day-remembrance-track-field-olympia> (consultado em 12 de novembro de 2018)
- ZINK, João. 2007. *Cartaz português da I Guerra Mundial: o jogo simbólico num caso emblemático de marketing político-militar*. Disponível em OpenEdition: <http://purl.pt/369/1/ficha-obra-cartaz.html> (consultado em 31 de agosto de 2014).